

planos no desenho (Figura 3, p. 159), também, são valorizados pelos alunos da docente Guaraciaba, exemplificado na figura 7:



Figura 7. Desenho de um aluno da professora Guaraciaba. Lápis de cor sobre papel, 28,5 x 20 cm, 2005.

Apesar da limitação de material, pois, nesse caso usaram o giz de cera e o lápis de cor, fica explícita a orientação no sentido de os alunos terem que construir uma produção plástica. Durante essa trajetória, devem atentar para o espaço a ser trabalhado, a forma, a cor.

A professora Wanda também propôs um trabalho a partir de um tema, cidade. Foi singular a produção plástica dos alunos, pois os desenhos representaram diferentes espaços relacionados com o tema. Vejamos, na seqüência, alguns deles:

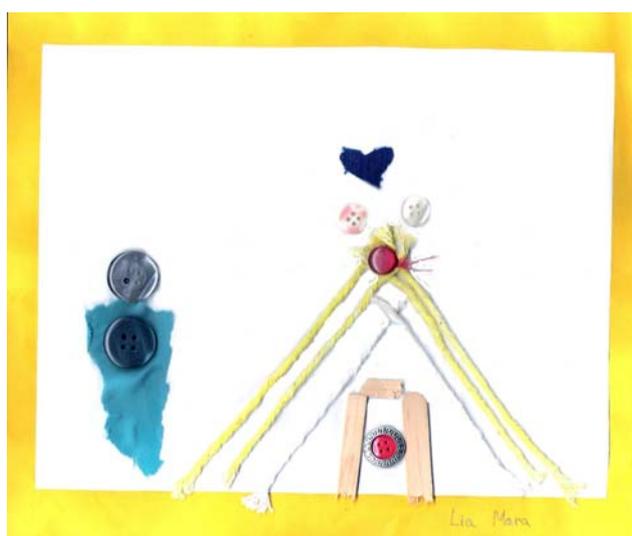


Figura 8. Desenho de aluno da professora Wanda. Colagem com palito, barbante, botão e tecido sobre papel. 22,0 x 17,5 cm, 2005.



Figura 9. Desenho de aluno da professora Wanda. Colagem com palito, sianinha e linha sobre papel. 29,5 x 21,0 cm, 2005.

Nos dois primeiros (Figuras 8 e 9), os alunos desenharam o quiosque da escola. No próximo, figura 10, o desenho reproduz um estacionamento, vê-se um carro, uma árvore e um poste de iluminação. O aluno utiliza, para a linha de contorno do carro, o barbante, e as rodas estão representadas cada uma por um botão. Com relação às outras duas figuras, o aluno as elabora com tecido e lã (linha).

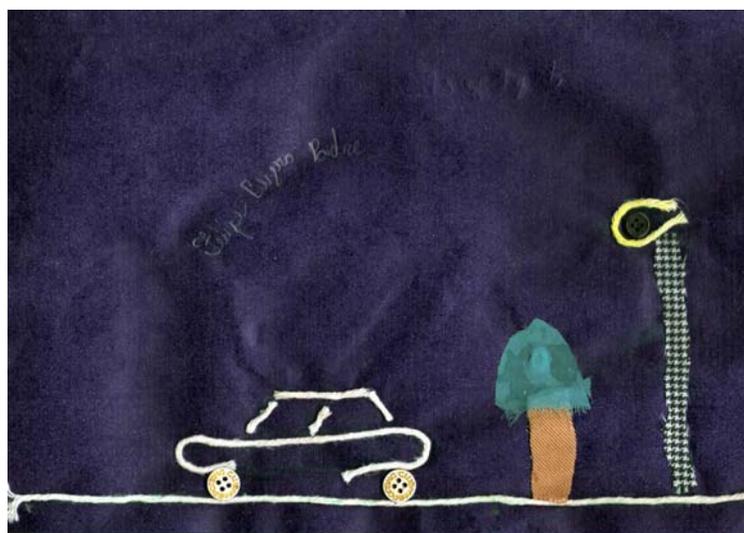


Figura 10. Desenho de aluno da professora Wanda. Colagem com tecido, botão e barbante sobre papel. 29,5 x 21,0 cm, 2005.

O parque da escola, com seu escorregador, foi representado da seguinte forma:

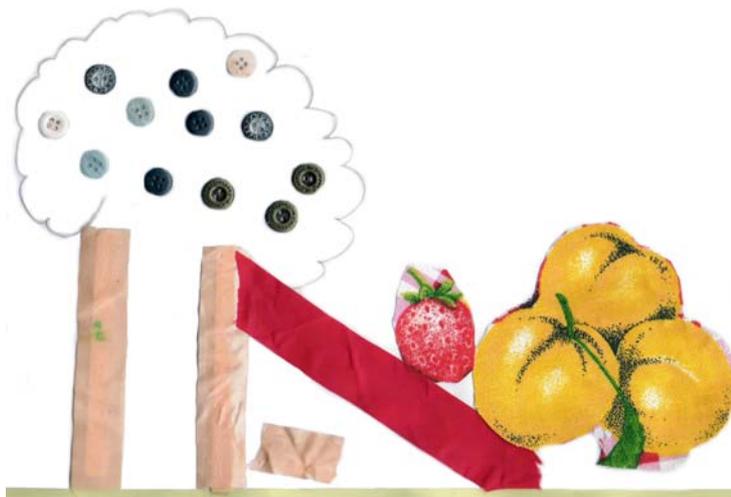


Figura 11. Desenho de aluno da professora Wanda. Colagem com tecido, botão e fita cetim sobre papel. 29,5 x 21,0 cm, 2005.

Nesse desenho, o aluno usa botões, retalhos de tecido e fita cetim. Salientamos que as professoras ensinam o desenho a partir dos seguintes elementos de linguagem visual: ponto, linha, forma, textura. Verifica-se, nas imagens (Figuras 8-11), possibilidades de materiais para desenhar com texturas e formas próprias, eles foram disponibilizados pela professora Wanda aos alunos, que, desse modo, permitiu que se apropriassem, nos desenhos, da linha matéria. Assim, a linha, com diferentes espessuras e texturas, é materializada no desenho por meio da fita cetim, da sianinha, do palito de picolé, do barbante ou do cordão. O ponto e o círculo tomam forma nos botões. As formas irregulares são construídas com tecidos. Nessas circunstâncias, a docente propicia aos seus alunos desenharem utilizando materiais alternativos presentes no seu cotidiano que não serão usados para o seu fim primeiro e que, agora, têm outra função nas suas produções. Aos alunos também é permitida a liberdade para fazerem as associações de acordo com as figuras e os desenhos que desejam elaborar, resultando em experimentações que constroem um aprendizado acerca das alternativas para a expressão nesta linguagem, o desenho.

Nessa proposta relatada pela professora Wanda, o elemento textura foi explorado pela especificidade dos materiais. Isso também ocorre na sugestão da Ana Vera por meio das possibilidades de desenhos obtidos com a caneta hidrocor.



Figuras 12 e 13. Desenhos de alunos da professora Ana Vera. Caneta hidrocor sobre papel, 29,5 x 42,0 cm, 2005.

A professora Ana Vera, também propôs um percurso a partir do tema cidade, escolheu Uberlândia. Para isso,

(...) discutiu questões sobre arte, história, culturas e memórias nas aulas de arte e história, dando-lhe uma característica interdisciplinar. (...) um trajeto teórico-metodológico que perpassa pela reflexão sobre a cidade de Uberlândia (ANA VERA).

Ela conta-nos que os alunos visitaram o Arquivo Municipal e o Museu Municipal de Uberlândia. Observaram as praças, as ruas, as casas, as construções antigas e recentes. Perceberam, ainda, a diferença entre o velho e o novo, elaborando um conhecimento em arte:

O olhar explorador dos alunos percorreu e se deteve sobre algumas construções que compõem a arquitetura de Uberlândia como: o Palácio dos Leões, o Coreto, a Oficina Cultural e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (ANA VERA).

Por meio de cartões postais, entregues pela professora, contendo imagem e informações sobre as construções visitadas e que fazem parte do patrimônio cultural de Uberlândia, os alunos foram provocados a desenhar:

Nas aulas de arte, os alunos receberam cartões postais com imagem e informação sobre as construções visitadas e os transformam em objetos artísticos (ANA VERA).

Avaliamos positivamente, no percurso da professora Ana Vera, a proposição relacionada com o suporte a ser utilizado. Nessa etapa do processo criativo por meio do desenho, ela altera o desafio da folha em branco para o aluno e lhe propõe trabalhar a partir de outro suporte, o papel colorset preto.

Podemos observar, nas figuras, a seguir, a Igreja do Rosário e o Palácio dos Leões.

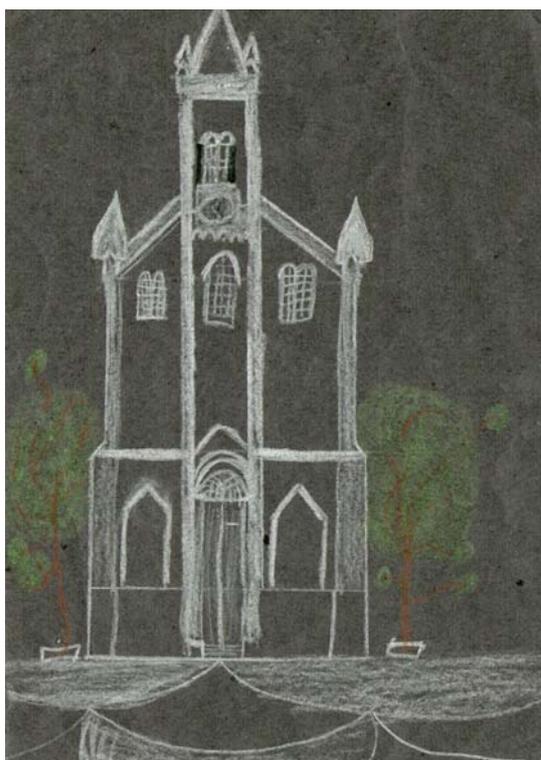


Figura 14. Desenho de aluno da professora Ana Vera. Lápis de cor sobre papel colorset, 14,5 x 21 cm, 2005.



Figura 15. Desenho de aluno da professora Ana Vera. Lápis de cor sobre papel colorset, 21 x 14,5 cm, 2005.

De acordo com a opinião da professora,

(...) oferecer um suporte de cor escura fez com que os alunos repensassem a sua concepção de desenho e de cores, a cor branca encontrou seu lugar nos contornos e nos preenchimentos dos espaços (ANA VERA).

Evidencia-se a linha branca nos desenhos elaborados pelos alunos, ressaltamos essa característica, pois, na maioria das vezes, os alunos desenhavam com o grafite, nessa situação, o grafite só marca um vinco no papel. Sendo assim, para trabalhar a cor, o aluno precisa explorar outras possibilidades com os materiais, pois o resultado alcançado com as cores sobre o fundo branco difere do obtido quando se trabalha sobre o fundo preto.



Figura 16. Desenho de aluno da professora Ana Vera. Lápis de cor sobre papel colorset, 21 x 14,5 cm, 2005.



Figuras 17 e 18. Desenhos de alunos da professora Ana Vera. Lápis de cor sobre papel colorset, 21 x 14,5 cm, 2005.



Figura 19. Desenho de aluno da professora Ana Vera. Lápis de cor sobre papel colorset, 21 x 14,5 cm, 2005.

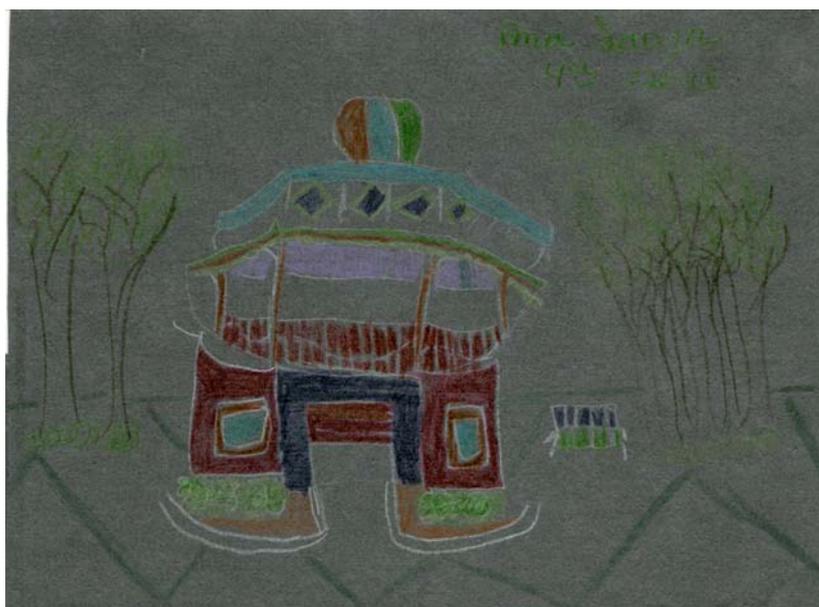


Figura 20. Desenho de aluno da professora Ana Vera. Lápis de cor sobre papel colorset, 21 x 14,5 cm, 2005.

O Palácio dos Leões, hoje Museu Municipal, a Oficina Cultural e o Coreto da Praça foram desenhados pelos alunos, mostrando uma diversidade de soluções com relação aos elementos de linguagem: linha, forma e textura. A linha branca destaca-se no contorno, como mencionou a professora Ana Vera; o suporte suscitou outra percepção das cores bem como a textura.

Avaliamos que essa modalidade de proposta pode instigar a curiosidade do aluno, estimular experimentações e obter um resultado plástico visual expressivo.

As professoras Ana Vera e Auristela propiciam aos seus alunos desenhar com o pincel, pois ele permite-lhes construir outras formas, outras espessuras para a linha, a partir de seus movimentos das mãos e dos braços, os gestos. Conforme as ações que exercem sobre o papel ou outros suportes, elaboram os elementos gráficos linha e textura, essenciais ao desenho. Sendo assim, é comum dizerem que estão pintando influenciados pelo material, pois pinta-se com tinta, mas os alunos desenham com a tinta, pois esta torna-se um material atraente para experimentações.



Figuras 21 e 22. Desenhos de alunos da professora Ana Vera. Guache sobre papel, 42,0 x 29,5 cm, 2005.

Além de desenharem com o pincel, experimentam possibilidades com a tesoura, que se torna instrumento para o desenhar. Os alunos recortam as formas, selecionam as cores de papéis, dispõem-nas, sobrepõem-nas e organizam-nas no espaço da folha:



Figura 23. Desenho de aluno da professora Ana Vera. Colagem papel criativo paper, 21,0 x 7,0 cm, 2005.



Figuras 24 e 25. Desenho de aluno da professora Auristela. Colagem papel fantasia, 29,5 x 21,0 cm, 2005.

Há um consenso entre as professoras de que não se cria do *nada*, é necessário algo que provoque o processo criativo, uma *referência*, que pode se efetivar por meio de diálogos na sala com os alunos, da apreciação e da leitura de imagens selecionadas entre outros procedimentos.

A seguir, a professora Guaraciaba, fala das imagens que desencadearam o processo de criação produzida por ela e um dos alunos.

Eu mostrei algumas [imagens] que eu tinha feito, eles já viram [que era possível produzir imagens a partir do contorno da mão], eles começaram, o cachorro mesmo, o cachorro que os encantou, e a partir daí, nasceu uma cachorrada danada foi de um colega da sala não foi o meu. O meu eu acho que ficou ainda longe de cachorro, mas eles viram e começaram, associaram através das imagens que eu mostrei a questão do cachorro, então de início eu vejo assim que eles ficam muito presos na minha referência de imagem, mas é só até eles sentirem segurança (...) (GUARACIABA, acréscimos nosso).

Pelo relato, concluímos que não foi só a primeira referência apresentada que influenciou os alunos, mas a solução encontrada por um colega que os levou a reproduzir a forma do cachorro. Diante desta situação, comprovamos que o processo ensino

aprendizagem se dá diante das interações e interações provocadas em sala de aula. Segundo Zabala (1998):

uma série de relações que devem conduzir a elaboração, por parte do aprendiz, de representações pessoais sobre o conteúdo objeto de aprendizagem. A pessoa, no processo de aproximação aos objetos da cultura, utiliza sua experiência e os instrumentos que lhe permitem construir uma interpretação pessoal e subjetiva do que é tratado (ZABALA, 1998, p. 92).

Sendo assim, a referência pode ser entendida como uma forma de intervenção pedagógica, envolvendo uma concepção de ensino, que, de acordo com as professoras Guaraciaba e Wanda, é um ponto de partida ou uma referência para o fazer artístico dos alunos em seus percursos criativos: para uma delas, uma (s) linha (s) – referência gráfica – e, para outra, uma (s) figura (s) – referência figurativa –. Elas avaliam que essa modalidade de proposta faz parte dos procedimentos responsáveis por desencadear percursos criativos.

Entendemos por “criativo” a qualidade que não se dissocia do produto artístico. Duarte (1996) assinala que é por meio da diferenciação criadora que se assegura a autonomia e a particularidade do discurso por quem o concebeu.

A professora Wanda, referindo-se a uma das etapas de sua proposta de trabalho, comenta sobre o interesse dos alunos e o seu envolvimento, menciona a expressão interferência para explicar a sua atuação.

Eles gostaram muito deste desenho que fizeram por último. Onde tinha a imagem de algo já construído por eles, para eles, foi muito bom, acharam muito interessante, falaram:

– Nossa! Este é o meu.

–Aquele era o meu, mas está preto e branco. Posso mudar a cor?

–Tenho que fazer igual? E, o que eu vou construir em volta disso aqui.

Porque acaba sendo um desenho com uma interferência, mas uma interferência [que é uma imagem produzida pelos alunos] do próprio trabalho deles. Eu gostei do resultado e a preocupação de sempre, eu acho que quando eles têm um referencial, já tem uma interferência no papel o rendimento, o envolvimento deles é melhor (WANDA, acréscimo nosso).

No entanto acreditamos que ela não interfere na produção do aluno durante o processo de trabalho, mas oferece um ponto de partida, uma referência, neste caso em estudo, a temática cidade, para que eles, a partir dela, elaborem e desenvolvam as suas idéias.

No seu depoimento, a professora conta-nos que estavam

trabalhando os lugares do nosso bairro, [a partir da obra de] Alfredo Volpi que nós estávamos trabalhando, pois tem uma parte que ele desenha uma cidade, ele pinta uma cidade várias vezes enquanto a esposa dele está fazendo tratamento médico, está em outra cidade. Ele freqüenta esta cidade, visita várias vezes e cada vez que vai, desenha a cidade de um ângulo diferente ou de uma forma diferente. Então a proposta para os alunos foi: um local que eles costumavam ir, conhecem e que provoca alguma coisa neles, ou que eles gostam, ou que eles presenciaram alguma cena, então eles tinham que pensar em um local (WANDA, acréscimo e destaque nosso).

O percurso construído pela professora teve início com pequenas partes de imagens de edificações antigas da cidade de Uberlândia, que foram coladas em uma folha de papel e distribuídas uma por aluno. Ela organizou o material, para isso, seguiu o roteiro elaborado para a sua aula e colou “(...) pequenas partes de imagens de construções antigas da cidade de Uberlândia em folhas sulfite (WANDA)”.

Em seguida, pediu que os alunos completassem a imagem, e eles ocuparam o espaço da folha desenhando outras figuras relacionadas com o tema.

Durante a trajetória com os alunos, os diálogos eram constantes, sendo questionados sobre os espaços urbanos presentes nas imagens recebidas e elaboradas por eles: “Que lugar é esse?”.

Ao final, Wanda esclarecia sobre a imagem inicialmente proposta, informando-os sobre o (s) lugar (es) ou construções que foram referência (época de construção, função, freqüentadores). Após, avaliava os trabalhos com os alunos, promovendo discussões sobre as produções feitas.

Dando continuidade à sua proposta com a temática cidade, Wanda orientava-os a fazer um

desenho do bairro onde mora, escolher um local do bairro para desenho de memória (um local, uma construção, que gostem ou não, que freqüentam ou apenas viram, que lhe cause estranhamento). Trabalhar o mesmo local com colagem de papéis coloridos (WANDA).

Os alunos realizaram desenhos de memória (Figuras 26 e 28) sobre o seu bairro utilizando lápis de cor. Esse mesmo desenho, em um segundo momento, foi trabalhado

com recorte e colagem de papéis coloridos (Figuras 27 e 29), “após o desenho nós fomos trabalhar a colagem, a proposta era não usar o lápis para recortar”.



Figura 26. Desenho de aluno da professora Wanda. Lápis de cor sobre papel, 25,5 x 17,6 cm, 2005.



Figura 27. Desenho de aluno da professora Wanda. Colagem com papel colorido, 24,5 x 17,5 cm, 2005.

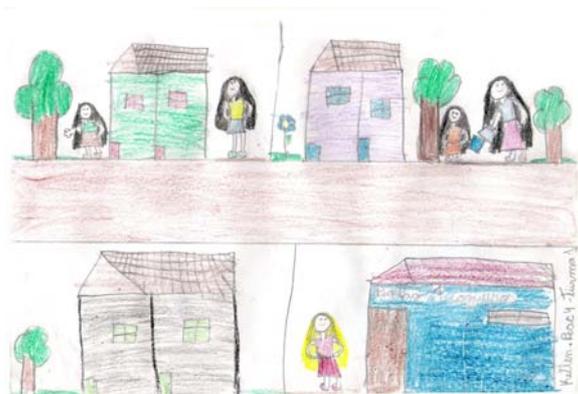


Figura 28. Desenho de aluno da professora Wanda. Lápis de cor sobre papel, 25,5 x 17,0 cm, 2005.



Figura 29. Desenho de aluno da professora Wanda. Colagem com papel colorido, 25,0 x 17,3 cm, 2005.

Na seqüência da aula, procederam à montagem tridimensional das edificações, que consistia em (Figuras 30 e 31): “Montagem tridimensional do prédio (construção)

trabalhado no desenho e colagem (usar caixas, tintas, papéis coloridos, palitos...) (WANDA)”.



Figura 30. Objetos tridimensionais dos alunos da professora Wanda, fotografados por ela. Caixas, papel fantasia, tinta, massa para modelar. 2005.



Figura 31. Objetos tridimensionais dos alunos da professora Wanda, fotografados por ela. Caixas, papel fantasia, tinta, massa para modelar. 2005.

Nesse percurso, Wanda permaneceu provocando os alunos a pensar sobre os espaços escolhidos. Dessa forma, propôs algumas questões, como: “Por que escolheu esse prédio? Você frequenta esse lugar? Conhece ou conheceu alguém neste lugar/fica próximo à sua casa?”.

Além disso, os alunos escolheram personagens que também foram representados tridimensionalmente (figura 32).



Figura 32. Fotografia de trabalhos tridimensionais dos alunos da professora Wanda, 2005.

Nessa etapa, a professora discutiu sobre a população do bairro, suas origens, seus modos de vida, ela comenta:

Nós fomos trabalhar as pessoas do local, desenharam as pessoas do local, (...) fizeram como escultura e depois eu xeroquei, com o resultado fizemos pequenas montagens. (...) Nós discutimos as etnias, a miscigenação da população tanto do povo brasileiro quanto da sala de aula. E deu resultado bonecos negros, brancos, mulatos e etc. (...) (WANDA).

Assim, as imagens que se tornaram referência figurativa para a etapa seguinte foram o resultado do olhar da professora Wanda, pois fotografara as imagens tridimensionais construídas pelos alunos, por exemplo, figura 32. Em seguida, revelou as fotos, fez recortes, e um dos resultados vê-se na figura a seguir.



Figura 33. Recorte, feito pela professora, na fotografia da figura 32, 2005.

Posteriormente, reproduziu-as por meio de cópias em xerox preto e branco. Nessa etapa, a docente organizou as imagens, colou-as, uma ou duas, em folhas de papel sulfite, criou várias opções. Essas folhas com as imagens coladas também foram reproduzidas (figuras 34, 35, 36 e 37) e entregues aos alunos, que escolhiam alguma delas para elaborar uma cena urbana (figuras 38, 39, 40, 41, 42, 43 e 44), conforme solicitado pela professora, a partir dessa proposição e de todo o percurso no qual os alunos encontravam-se envolvidos em reconstruir a cidade.

Assim, podem-se observar, nas imagens a seguir, as soluções criativas dos alunos.



Figura 34. Material produzido pela professora Wanda e entregue aos alunos. Colagem de uma imagem xerocada em preto e branco, 29,5 x 21,0 cm, 2005.

Figura 38. Desenho de aluno da professora Wanda. Lápis de cor, giz de cera e caneta hidrocor, 29,5 x 21,0 cm, 2005.



Figura 35. Material produzido pela professora Wanda e entregue aos alunos. Colagem de duas imagens xerocadas em preto e branco. 29,5 x 21,0 cm, 2005.



Figura 39. Desenho de aluno da professora Wanda. Lápis de cor, giz de cera e caneta hidrocor, 29,5 x 21,0 cm, 2005.



Figura 36. Material produzido pela professora Wanda e entregue aos alunos. Colagem de duas imagens xerocadas em preto e branco. 29,5 x 21,0 cm, 2005.

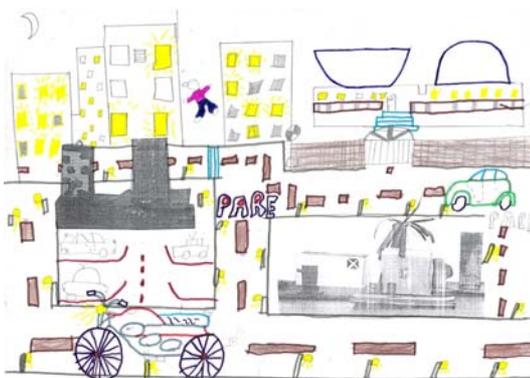


Figura 40. Desenho de aluno da professora Wanda. Lápis de cor, caneta hidrocor, 29,5 x 21,0 cm, 2005.

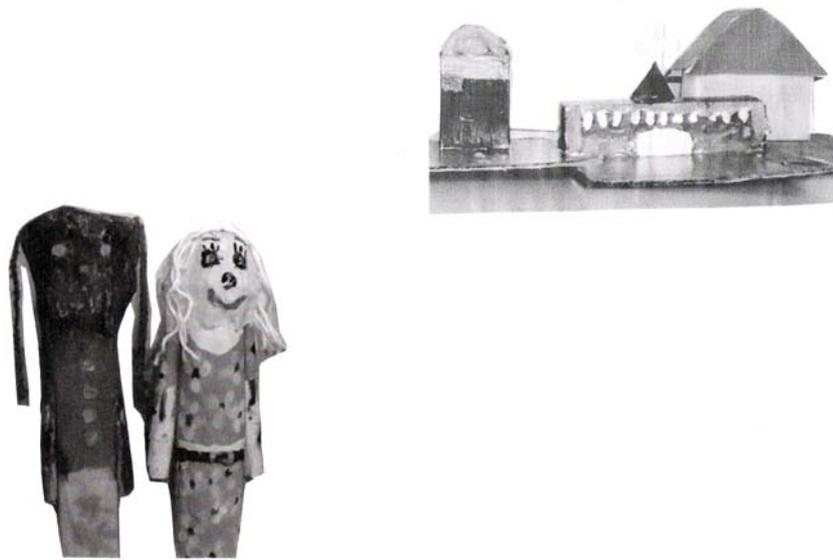


Figura 37. Material produzido pela professora Wanda e entregue aos alunos. Colagem de duas imagens xerocadas em preto e branco. 29,5 x 21,0 cm, 2005.



Figura 41. Desenho de aluno da professora Wanda. Lápis de cor, giz de cera e caneta hidrocor, 29,5 x 21,0 cm, 2005.



Figura 42. Desenho de aluno da professora Wanda. Lápis de cor, giz de cera e caneta hidrocor, 29,5 x 21,0 cm, 2005.

É significativa a metodologia construída pela professora, pois possibilitou uma diversidade de percursos aos alunos que, de acordo com as suas referências pessoais, os seus saberes adquiridos pelas experiências vividas, associados à imagem oferecida pela docente, puderam representar cenas urbanas relacionadas com o contexto em que vivem.

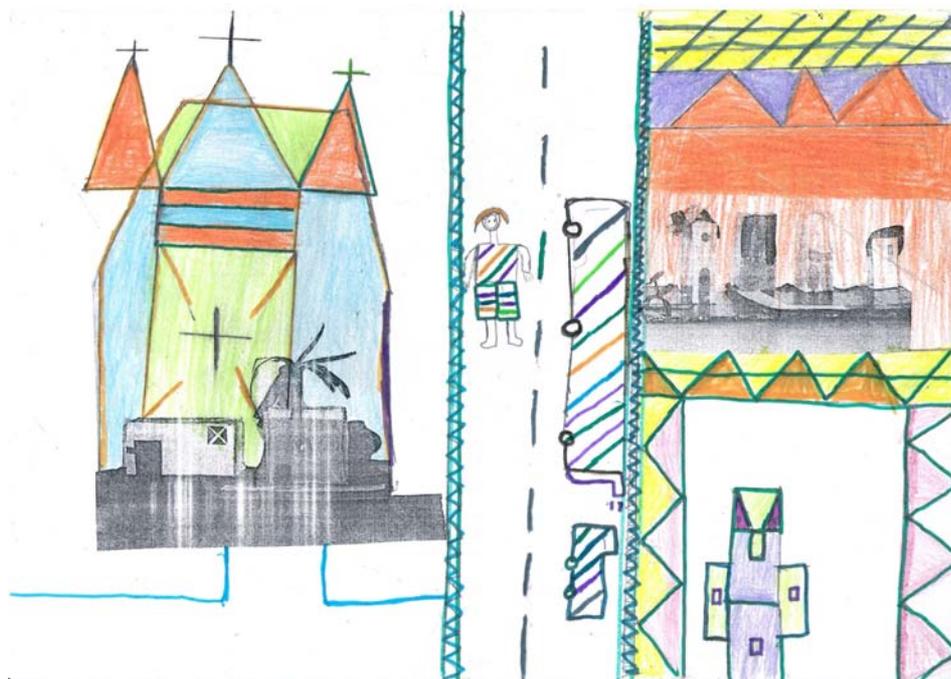


Figura 43. Desenho de aluno da professora Wanda. Lápis de cor, giz de cera e caneta hidrocor, 29,5 x 21,0 cm, 2005.



Figura 44. Desenho de aluno da professora Wanda. Lápis de cor, giz de cera e caneta hidrocor, 29,5 x 21,0 cm, 2005.

Destacamos a seqüência didática definida para uma proposta de ensino a partir da temática cidade, visto que, por meio da sistematização e articulação dos procedimentos, as aulas estão conectadas entre si. O trabalho desencadeou-se pela história da arte, a obra de Alfredo Volpi, maneira que a professora encontrou para chegar ao tema, a cidade de Uberlândia, e, posteriormente, aos espaços mais próximos dos alunos, o seu bairro e as questões relacionadas à temática. Desse modo, construiu-se uma trajetória por meio de uma seqüência de ações, o planejamento para as aulas e as propostas para o fazer artístico dos alunos, com uma diversidade de atuações de ambas as partes, professoras e alunos. Assim, eles tiveram condições de aprender fazendo e experimentando, discutindo sobre as soluções encontradas, os empecilhos no percurso, a conclusão das etapas, bem como a avaliação de todo o processo.

Segundo Zabala (1998), as seqüências de ensino/aprendizagem constituem uma realidade global, que é totalmente evidente no momento de planejá-las vivido pelo professor.

As posturas metodológicas analisadas revelam saberes e práticas. Como podemos constatar, é recorrente o fato de que as propostas de ensino sustentam-se em proposições temáticas.

As professoras ensinam desenho a partir dos elementos de linguagem visual – ponto, linha, forma, textura, componentes da linguagem gráfica. Uma prática relevante e coerente, pois é por meio dos elementos constitutivos a maneira de aprender e saber manifestar-se pela linguagem do desenho.

Os elementos da linguagem visual articulam-se para a construção bidimensional, tridimensional, criando e definindo formas e relações. Sobre as primeiras, elas podem ser “espaços gráficos: geométricos, orgânicos, abertos, vazados, fechados, compartimentados, unos...” (DERDYK, 1989, p. 225). No que se refere às relações, estas se estabelecem entre as formas, entre as formas/figuras e os planos, entre as linhas devido à maneira como elas são registradas nos espaços: a espessura, a intensidade, a gestualidade, a materialidade. Dessa forma, “Há uma infinidade de espaços que estabelecem uma relação figura e fundo ou relações mais complexas através de planos que se sucedem. Passam a existir, no desenho de cada um, princípios e critérios que regem uma organização” (DERDYK, 1989, p. 225).

Os elementos da linguagem visual são contemplados como saberes curriculares nas propostas pedagógicas. O ponto, a linha, a forma, a textura e o volume são conteúdos específicos da área de Artes. Eles constam das Diretrizes Curriculares Básicas para o Ensino de Arte (UBERLÂNDIA, 2003), no quadro de conteúdos da área de Artes Visuais. O documento orienta trabalhar esses saberes desde a Educação Infantil ao término do Ensino Fundamental, portanto, são conhecimentos indispensáveis ao ensino de desenho e ao ensino de Artes. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, 5ª a 8ª séries, na parte que trata dos conteúdos de Artes para a área, mencionam-se os elementos de linguagem visual assim, “[...] elementos básicos das linguagens artísticas, modos de articulação formal, técnicas, materiais e procedimentos na criação em arte [...]” (BRASIL, 1998, p.52), são conhecimentos a ser construído. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, 1ª a 4ª séries (BRASIL, 1997, p.57), a expressão linguagens artísticas é substituída por formas artísticas, de igual modo os elementos de linguagem são tratados como conteúdo específico.

Dando continuidade, trataremos do elemento linha, que pode ser o ponto de partida para o desenho, pois, seja ela, gráfica, gestual, matérica, constitui a essência do desenho e, a ela se agregam os outros elementos, portanto, podemos sintetizar um percurso do ponto que gera a linha, e esta cria formas diversas que podem ou não possuir volumes e texturas, dessa forma, desenho e linha estão associados.

Centramos nosso estudo nos saberes e práticas das professoras de Artes acerca do ensino de desenho, sendo assim, investigamos a forma como esses conteúdos, os elementos

de linguagem, são apresentados aos alunos, quais são as metodologias construídas pelas docentes ao abordá-los em sala de aula. Portanto, para que as professoras desenvolvam práticas pedagógicas significativas para os alunos, neste caso, propiciando o apreender dos conhecimentos priorizados por elas, é importante que tenham tais saberes construídos e elaborados para si. Nesse sentido, Duarte (1996) considera

fundamental que todo professor de arte domine esses conteúdos, uma vez que eles são os dados possíveis de uma análise formal da produção dos seus alunos em sala de aula de artes (e da produção dos artistas) é fundamental também que ele saiba utilizar este referencial no momento e na dosagem correta em suas aulas, atendendo, principalmente, à faixa etária, à capacidade e ao interesse do seu alunado (DUARTE, 1996).

Retomando o propósito da pesquisa, constatamos outros saberes e práticas relacionados com o ensino de desenho, além dos discutidos anteriormente.

A professora Guaraciaba opta por trabalhar com seus alunos a linha gráfica. Com este objetivo, estrutura uma seqüência de trabalho, são exercícios que procuram construir o conceito de elemento gráfico com turmas de terceira séries.

No trabalho da professora Guaraciaba, em algumas propostas, a linha constitui um elemento gráfico inicialmente colocado no plano do papel, tornando-se uma referência para os desenhos dos alunos:

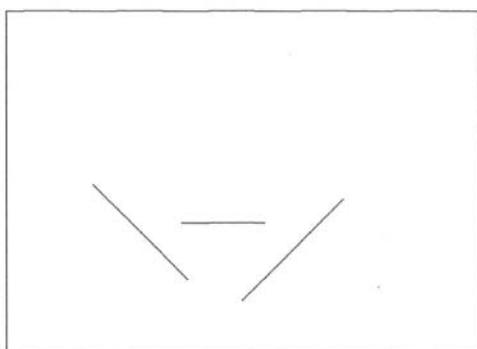


Figura 45. Material didático produzido pela professora Guaraciaba. 10,5 x 7,5 cm, 2005.

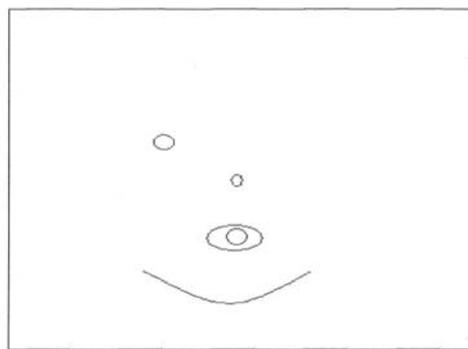


Figura 46. Material didático produzido pela professora Guaraciaba. 10,5 x 7,5 cm, 2005.

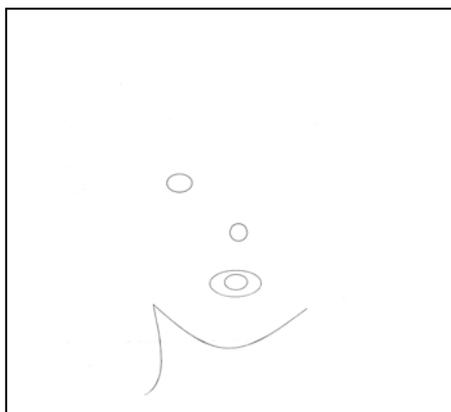


Figura 47. Material didático produzido pela professora Guaraciaba. 10,5 x 7,5 cm, 2005.

Tendo como referências as figuras 45, 46 e 47, foram elaboradas três propostas, apresentadas aos alunos. Na primeira, a partir das figuras 40 e 41, a professora solicitou: “a partir dos elementos gráficos desenhados nos espaços (...) vamos inventar, criar desenhos e colorir (...) usando no mínimo cinco cores diferentes” (GUARACIABA). Vejamos alguns desenhos:

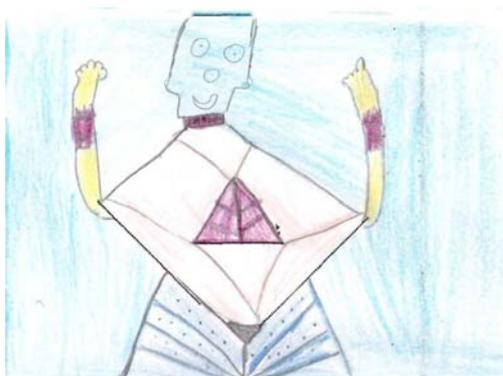


Figura 48. Desenho de aluno da professora Guaraciaba. Lápis de cor. 10,5 x 8 cm, 2005.



Figura 49. Desenho de aluno da professora Guaraciaba. Lápis de cor. 10,5 x 8 cm, 2005.

Na segunda proposta, com base nas mesmas referências, “elaborar duas caras caretas nos espaços (...) colorir usando no mínimo seis cores diferentes” (GUARACIABA). Observemos as seguintes produções:



Figura 50. Desenho de aluno da professora Guaraciaba. Lápis de cor. 13,5 x 13 cm, 2005.



Figura 51. Desenho de aluno da professora Guaraciaba. Lápis de cor. 13,5 x 13 cm, 2005.

Na terceira, que tem como referência a figura 47, esta acrescida de uma linha em relação à figura 46, Guaraciaba propôs: “vamos um desenho elaborar (...)”.



Figura 52. Desenho de aluno da professora Guaraciaba. Lápis de cor. 22 x 21 cm, 2005.

Observamos que não é aleatória a maneira pela qual a professora traça as linhas que são referências para a produção do aluno, elas já sugerem a forma de um rosto, portanto, inicia uma trajetória com os alunos direcionando o processo criativo. Dessa forma, entendemos que a professora considera que, se apreendidos os conceitos acerca dos elementos gráficos, os alunos possam fazer seus próprios percursos de criação. Ainda nessa etapa, a ênfase está nas formas e nas cores, visto que propõe a trabalhar com uma determinada quantidade de cores, pois somente na terceira etapa permite-se uma liberdade nesta escolha.

A professora Guaraciaba elabora e sistematiza um percurso próprio, e sua proposta de ensino de desenho está vinculada a uma temática. “Quem somos? Como somos?”. Nesse sentido, ela sugere aos alunos que desenhem rostos. Sobre a escolha por trabalhar com as crianças sobre as “identidades”, ela comenta o interesse de abordar questões filosóficas. Nesse sentido, manifesta uma característica individual, a busca pela compreensão de si mesma e do outro, leva a reflexão para a sala de aula e suas ações

voltam-se para que esse mesmo movimento se dê com os seus alunos. Avalia suas opções na docência mediante seu olhar sobre a condição humana.

Esse olhar que eu tenho sobre essa nossa condição de humano, de sujeito transformador, mas que nos desafia, como nos tornarmos melhores? (...) O que vem me constituindo professora são estas inquietações, então o que nós enquanto professores, enquanto sujeitos da educação, sujeito transformador e sujeito a tantas ordens colocadas estamos fazendo e podemos fazer, quais são essas possibilidades? (...) Então acho que isso é um desafio constante e isso que vai me constituindo como professora. (...) Primeiro, eu penso que é uma característica pessoal e que ela é aumentada estimulada e tem o percurso que tem em função do nosso grupo de trabalho, aonde nós nos mudamos (GUARACIABA).

Nessas circunstâncias, a prática pedagógica construída por ela está alicerçada numa perspectiva interdisciplinar, considerada significativa na concepção de projetos educativos (HERNÁNDEZ, 2000), além de ser uma das opções metodológicas sugeridas nas Diretrizes Básicas de Ensino (UBERLÂNDIA, 2003).

Segundo o material didático da professora Guaraciaba, o percurso feito com seus alunos inicia-se com indagações acerca do próprio nome, seguidas da produção de um desenho. Nessa etapa, questiona os alunos sobre o material usado, as linhas: retas, curvas e a forma das letras. Destacamos que, ao realizar a proposta, ela associa trechos de poesias, assim como:

Quando eu tiver um filho,
Não vou pôr nome nenhum.
Quando ele for bem grande,
Ele que procure um!
Pedro Bandeira.

E de textos, como o transcrito a seguir:

Documento é um papel que prova que alguém existe e é alguma coisa: trabalhador, eleitor, motorista, casado ou solteiro. Mas não é qualquer papel, que a gente mesmo pode escrever. É um papel oficial, feito por um Cartório ou uma Delegacia.

Provar que existimos pode parecer estranho. Mas não é. Nós vivemos num país muito grande, com muitas cidades e com milhões de habitantes. Não é possível que todo mundo se conheça. (...).

Na sua casa você não precisa de documentos para dizer quem você é, o que faz e qual sua posição a família. Mas fora de casa, na escola, no trabalho e até na rua, os documentos falam pela gente. Aquilo que o documento diz é aquilo que o governo e a sociedade dizem da gente. Eles provam o que cada um é. Exatamente por isso, a primeira coisa que os pais devem fazer quando o filho nasce é ir ao Cartório e tirar a Certidão de Nascimento dele. (...) (ALMANAQUE, PROGRAMA ALFA TRÊS. Nossos Documentos. São Paulo: Abril S/A Cultural, p.11. 1980, adaptação).

Os fragmentos de poesia ou textos selecionados abordam o tema e são utilizados como forma de questionar os alunos sobre sua identidade “por que temos um nome?” “Para que serve a certidão de nascimento e a carteira de identidade?” Constatamos, por meio desses procedimentos, que são construídos conceitos relacionados com a vida cotidiana dos alunos e, ao mesmo tempo, os relativos aos seus conhecimentos em Artes.

Por meio do material produzido e entregue aos alunos, ela procura despertá-los para as diferentes formas da linha, desde o momento em que escreve a palavra “linha” com tipos diferentes de letra, trabalha o conceito de linha gráfica e a classificação da linha quanto ao traço, à forma e à direção.

LINHA? *Linha?* Linha?

Linhas!

De telefone? De nesca? Da mão?

Da escrita? De costura? De trem? Linha do desenho

De folhas de caderno?...

São muitos os tipos de linhas presente em nossa vida, tanto em casa como na escola. Elas têm aparências, jeitos e funções diferentes. A linha telefônica, por exemplo, tem a função de comunicação oral e transporte (de vozes). A linha de trem também tem a função de comunicação e transporte. A linha de costura tem a função de emenda, encontro, de união de uma parte de tecido com outro. A linha da mão qual será a sua função?

Bom! Mas entre as mais diferentes linhas vamos falar da linha gráfica. O que é **linha gráfica**? É a linha traçada, desenhada com ajuda de qualquer instrumento (lápis, caneta, pedra...) sobre uma superfície (papel, chão, parede...).

A linha gráfica tem a função de:

- 1- **Representar** (letras, formas, objetos, pessoas, paisagens...);
- 2- Sugerir movimento, posição (em pé, deitado, inclinado);
- 3- **Comunicar** sentimentos e sensações (alegria, tristeza, áspero, liso, etc.);
- 4- Comunicar direção (para frente, para direita ou esquerda, para trás, ou para baixo...) etc.

Como acontece com as letras e palavras que são classificadas quanto as suas apresentações e possíveis combinações, as linhas também são classificadas quanto as suas apresentações e combinações. Então vamos conhecer algumas dessas classificações.

Quanto ao traço:

Fina cheia tracejada pontilhada

Quanto à forma:

reta curva quebrada

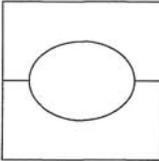
mista fechada

Quanto à direção:

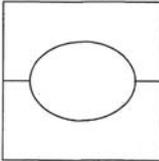
Horizontal Vertical Inclinação Circular

Exercícios:

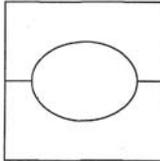
- 1- No retângulo nº 1 preencher todos os espaços com linhas finas e horizontais, uma bem próxima à outra. Usar somente uma cor.
- No retângulo nº 2 preencher todos os espaços com linhas finas e verticais, uma bem próxima da outra. Usar somente uma cor.
- No retângulo nº 3 preencher com linhas inclinadas.



Nº 1



Nº 2



Nº 3

Figura 53. Material didático produzido pela professora Guaraciaba, 2005.

Dando continuidade às análises sobre o trabalho realizado por Guaraciaba, apresentamos os seguintes desenhos elaborados pelos alunos:

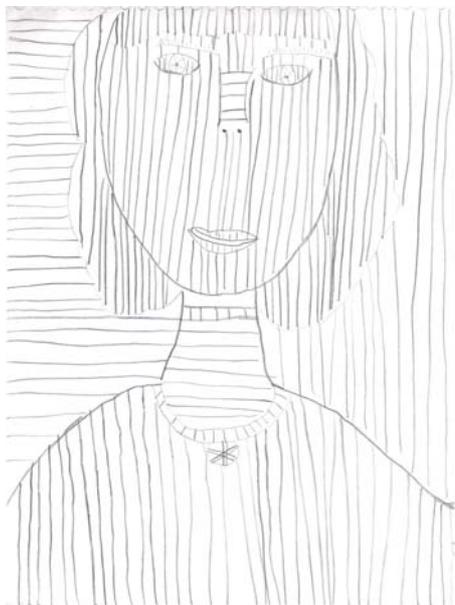


Figura 54. Desenho de aluno da professora Guaraciaba. Lápis de cor. 21 x 27,5 cm, 2005.

Figura 55. Desenho de aluno da professora Guaraciaba. Lápis de cor. 21 x 27,5 cm, 2005.

Estão visíveis, nos desenhos acima, os elementos gráficos linha e textura, este último é consequência da forma como se apresenta o primeiro; a textura foi obtida por meio da utilização das linhas verticais e horizontais. Nesses exemplos, temos a produção de um desenho explorando somente a posição das linhas e o outro incluindo a cor, obtendo desenhos com visualidades diferenciadas pelas possíveis texturas que os alunos alcançaram.

Nas palavras de Ferraz e Fusari (1992),

O elemento visual linha, que traçamos e percebemos, mostra direcionamentos, delimita ou insinua formas (através de contornos), cria texturas. [...] As texturas são aparências visuais resultantes da materialidade das superfícies ou dos tratamentos gráficos dados aos espaços visivos. Por isso, as texturas podem apresentar ou então insinuar rugosidades, asperezas, suavidades, brilhos, opacidades, homogeneidades e diferenciações, possíveis de serem realmente sentidas pelo tato ou não. Isso significa que as texturas podem constituir-se simplesmente em simulações visualmente percebidas (FERRAZ e FUSARI, 1992, p.81 e 83).

Para a trajetória construída, a professora Guaraciaba utiliza livros de literatura infanto-juvenil como recurso didático no desenvolvimento do trabalho com os conteúdos

de Artes. No exemplo da linha, a obra *Cores de todas as flores*, de Aristides Torres Filho (2002), foi uma escolha no sentido de que os alunos pudessem observar o movimento das linhas, as formas, as cores, os tons, os sentimentos.

Linhas de todas as cores... Verde-musgo. Verde-claro. Verde-escuro. Verde-gaio. Verde, bem verde mesmo, da cor de um papagaio. (...) Eram linhas no baú vivendo juntas, amontoadas, repartindo espaço e cores – no entanto contrariadas, (...) desfalecendo, (...) vivendo, (...) (TORRES FILHO, 2002, p.10-18).

Na seqüência, a professora propõe:

Vamos fazer como fizeram as “linhas de todas as cores” escapar do baú que nos fecha, que prende e sufoca nossa capacidade de pensar, de questionar/perguntar e imaginar, tirando assim nosso interesse e coragem de inventar, transformar e inventar coisas, brinquedos e brincadeiras... (GUARACIABA).

Nossa colaboradora altera o suporte para o desenho e provoca o aluno para um processo criativo na linguagem digital de um software para desenho – Paint.

Ainda, conta-lhes como a linha gosta de brincar por meio de um poema⁵¹ e mostra desenhos de Steinberg, figura 56, a seguir:

A linha é menina
Sapeca, arteira, novidadeira.
No papel, quebra, e requebra.
Só inventa brincadeira.

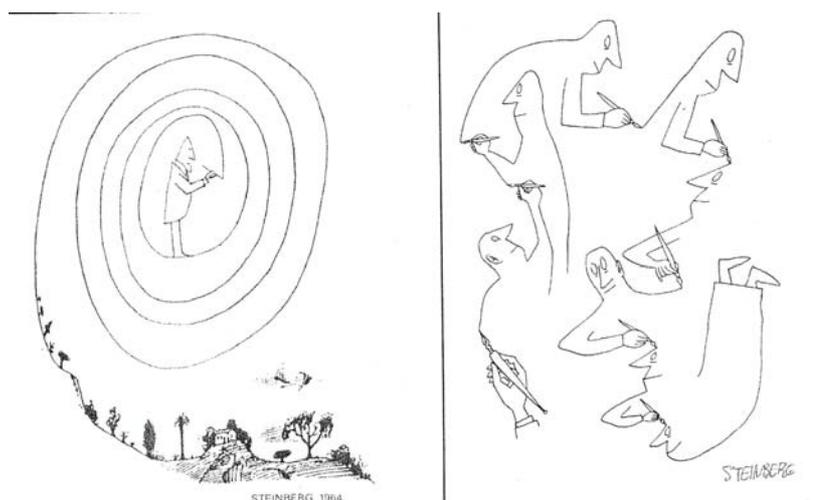


Figura 56. Imagens constantes do material didático produzido pela professora Guaraciaba, 2005.

⁵¹ O poema integra o material didático da professora Guaraciaba. *Linha e Letras*. In: PASSOS, Luciana M. Marinho. *Alegria de Saber*. São Paulo: Scipione, 2001.

Avaliamos que, nesse percurso, a professora constrói um conceito de desenho e de linha com os alunos.

A produção plástica dos alunos mostra-nos que, ao final de uma série de desenhos elaborados com base em uma referência gráfica, são evidentes os diversos recursos gráficos encontrados pelos alunos diante da mesma proposta. Observando os desenhos fundamentados nas referências, pontos de partidas para o trabalho, elas não se destacam, misturam-se e precisamos procurá-las, e possivelmente, se não tivéssemos esse conhecimento, veríamos de outra maneira, como muitos de nós podem estar apreciando os desenhos no espaço escolar. Neste estudo, levamos em conta a totalidade do que pudemos perceber como percursos criativos nas aulas de Artes.



Figura 57. Desenho de aluno da professora Guaraciaba. Lápis de cor. 22 x 21 cm, 2005.



Figura 58. Desenho de aluno da professora Guaraciaba. Lápis de cor. 22 x 21 cm 2005.



Figura 59. Desenho de aluno da professora Guaraciaba. Lápis de cor. 26 x 15,5 cm, 2005.



Figura 60. Desenho de aluno da professora Guaraciaba. Lápis de cor e giz de cera. 22 x 21 cm, 2005.



Figura 61. Desenho de aluno da professora Guaraciaba. Lápis de cor. 22 x 21 cm, 2005.

Acompanhando a proposta educativa da professora Guaraciaba e toda a sua efetivação por meio dos desenhos dos alunos, salientamos que, apesar de ter iniciado um percurso com exercícios que limitam e direcionam a produção dos desenhos, a professora consegue que as singularidades criativas das crianças sejam desveladas. A professora mantém uma coerência na estrutura de suas propostas, trabalha de forma detida e minuciosa todas as etapas em sala de aula, busca alternativas nas experimentações de material, nas imagens, na literatura, no cotidiano, para enriquecer as suas ações e as dos alunos, como também discute a referência proposta justificando-a e conversando sobre o processo de trabalho vivenciado nas aulas de artes. Dessa forma, acredita fazer a diferença no ensinar e aprender, construindo um percurso singular e, ao mesmo tempo, plural. Esclarecemos que há continuidade nesse seu projeto com os alunos, ele não termina após as etapas aqui descritas.

Concluindo este capítulo, *Caminhos Plurais*, retomamos os dois eixos que nortearam a análise: *Ensinar ... Aprender ... As relações e o processo de ensino e, Os saberes e as experiências significativas das professoras no ensino de desenho.*

Observamos que a concepção das professoras sobre o ensinar e o aprender revela relações de proximidade com os alunos na construção do conhecimento e de um aprendizado em Artes. Elas compreendem o processo ensino-aprendizagem em um movimento pelo qual se ensina e se aprende, simultânea e continuamente tanto professores

quanto alunos. Para isso, estudam, trocam experiências. Assim, propiciam-se interações entre os sujeitos desse percurso, atores em sala de aula.

As docentes acreditam na importância do ensino de Artes na escola, bem como na necessidade de os alunos expressarem-se por meio da linguagem do desenho. Defendem, ainda, a relevância de ouvir o aluno antes de planejar suas ações, pois conteúdos e saberes com significado no seu cotidiano mostram-lhe um sentido para o aprender, provocar-lhe a curiosidade e o desejo pelo saber. Planejam as aulas baseadas nos conteúdos para a área, ou em uma temática, um projeto; recorrem a leituras e a um referencial teórico para sistematizar o planejamento, desse modo, as aulas estão ligadas entre si.

Concebem o desenho como: registro, representação, forma de expressão, arte, linguagem. Em nossa concepção, ele é realizado na afinidade do sujeito com a sua produção, nesse sentido, referimos-nos ao desenho e a quem desenha, à relação perceptiva que se dá durante o desenvolvimento da obra, um fazer que leva a pensar na busca por alternativas, a saber se conter e ousar, ao domínio da mão e dos materiais como um aprendizado que requer ser experienciado por meio de erros e acertos. Assim,

o desenho sugere algumas soluções, exclui outras, indicando uma comunhão entre um pensar e um fazer, entre uma intenção e sua realização, entre o sujeito que desenha e o objeto desenhado e a interpretação que se faz e se refaz, incessantemente, do sujeito em relação ao objeto. O desenho é um fenômeno perceptivo, e quando já existe uma agilização entre uma intenção e um resultado, entre a mão e o instrumento, entre o impulso e o resultado gráfico, a percepção passa a ser um elemento atuante e presente no ato de desenhar (DERDYK, 1989, p. 225).

As práticas pedagógicas revelam o desenho, em sala de aula, trabalhado na concepção de projeto, como parte do processo criativo, ponto de partida para as propostas a serem desenvolvidas. Percebemos, inclusive, que é contemplado na perspectiva de proposições temáticas, assim, a partir de um tema e da discussão desencadeada, os desenhos concretizam-se por meio da produção do aluno com foco nos desenhos de memória, de observação e de imaginação. Nessa proposta, uma das professoras discute diretamente a estereotipia, e as outras o fazem indiretamente. As docentes mencionam a necessidade de um ‘ponto de partida’ ou uma ‘referência’ para a produção plástica do aluno, esta se constitui para uma docente, em uma (s) linha (s) – referência gráfica –, e, para outra, em uma (s) figura (s) – referência figurativa –. Além disso, relatam trabalhar a partir dos elementos de linguagem visual – ponto, linha, forma, textura e da opção por diferentes materiais.

Avaliamos como significativos os percursos construídos pelas professoras, trajetórias singulares com interfaces entre si, constatamos, ainda, que Wanda e Guaraciaba têm uma proposta de trabalho que nasce de uma ‘referência’, elas estão em processo de elaboração, de acompanhamento e reflexão. Valorizar e provocar o processo criativo do aluno torna-se uma ação comum a todos os percursos analisados, as docentes Ana Vera e Auristela relatam tentativas para romper com o estereótipo nos desenhos; Wanda propõe desenhar com materiais alternativos; todas trabalham em sala de aula os elementos de linguagem visual – ponto, linha, textura. Nesse sentido, Guaraciaba prioriza o elemento gráfico – linha – nas suas propostas.

A seguir, tecemos as considerações a que chegamos ao final dessa investigação sobre *Os saberes e as práticas das professoras de Artes no ensino de desenho*.